

2013

ÍNDICE

	Introdução	3
I	Isabel	11
II	Nova Vida	31
III	Pensamentos	35
IV	A Tempestade	47
V	A Guerra Civil	59
VI	O Conquistador das Planícies	76
VII	Samurai Tokugawa	104
VIII	Epílogo	119

INTRODUÇÃO

Minhas Persistentes Dúvidas

Inicio minha jornada nesta orbe muito mais com viés espiritual, como é de meu costume desde há muito, e com a dádiva da dúvida a acompanhar-me qual sombra fiel. Não falo da dúvida metódica do cientista, mas, falo da dúvida pedagógica, voluntária e sistemática, presente em mim, ser humano mediano que sou, e pensa entender o que vê à sua volta, mas, que pouco consegue realmente enxergar.

Assim, a exemplo de massa de manobra que vejo diuturnamente a passos largos em direção ao verdugo, isenta de argumentos e plena em auto justificativas, penso que resta tão somente convencer-me que algures tais dúvidas tão somente se somarão às outras que já possuo, e assim, aos poucos tornar-me-ão poeira que se dissipará ao vento, como a todos. Já não vejo a mesma luz de outrora – que as via nos idos da infância e adolescência -, nem mesmo tênue facho que se prestasse à uma mínima orientação aos caminhos de hoje, que sempre ansiei, enquanto negras noites insistem em acoitar minhas arraigadas ignorâncias. Entendo-me ignorante, apesar dos esforços, embalde.

Da natureza intuitiva que penso possuir, e quiçá educadora que a vida colocou-me às mãos, ousou poder pensar que somar dúvidas às que já possuo torna-se útil por princípio, apesar de

que a essência de tal proposta está em impelir-me ao próximo passo e manter-me em movimento. Acredito que “entender” corretamente a marcha possui uma “senha” de entrada, e esta a natureza esconde-a com maestria, e em raríssimas vezes deixa-se vislumbrar. Parece ser de propósito!

Ainda sobre estas – as dúvidas - encontrei-as no caminho sempre aos borbotões e travestidas para além de esvoaçantes e sedutores lenços de vestal. Ah, vestais... sereias... e seus cantos enebriantes e enganadores, tentando sempre iludir-me à sua guisa. É assim que vislumbro, sobre o ombro, o breve passado e, assim, será destartes. Sinto-me cingido, a maior parte do tempo, a aceitar as “coisas como são” e seguir apesar das vertigens que me assolam, pois, parece-me claro não haver caminho que não seja a resignação férrea e bubalina. Arisco e inquieto – como animal à noite -, ao que se move à volta, tornei-me desconfiado com as vozes e seus conteúdos, enquanto duvido firmemente dos sentidos próprios que penso possuir e da essência que esperava existisse e que se prestariam, em última análise, a conceder-me razão, e à outrem, também. A razão – como sempre - a cada um à sua maneira e visão, e isso facilita e amplia as bordas do caminho ao caos, eu sei!

Na “soma dos elementos e na raiz extraída”, como diria o matemático, o existir de Platão assemelha-se ao mesmo engôdo de sempre qual chacota entrecortada em risos de poucos dentes, em ambiente hostil onde tão somente meia dúzia manipulam as demais criaturas, onde só a estes cabe saber realmente como funciona “o circo”, e jamais falam! É-lhes conveniente agir assim. Névoas e névoas sobre os olhos desfocam visões que já

passam a iludir a todos, sim senhor, pois, como afirmava Descartes: “...nunca tenho certeza de estar sonhando ou de estar desperto”.

Pequenas convicções fazem parte do meu inexato e também pequeno mundo, que apesar de frágeis, auxiliam a manter-me minimamente ereto e ainda de alguma forma crendo que a Criação é perfeita e que o universo é tão quanto, e logo quando possível tudo se encaixará e a tudo se dará um sentido, espero; uma intuição, por certo, nada mais que frágil e inegável nesga de esperança, que insisto possuir. Aflora, mas, assim como vem, vão-se as esperanças e meu olhar de soslaio constata que me torno mais humano, quanto mais frágil me enxergo.

Percebo, no “circo em que vivo”, não importando para qual lado olhe, a indelével intensificação do fascismo nos confins, nas cidades... nas pessoas. Querem e fazem - aqueles que pensam que mandam - leis mais repressivas, com instituições policiais ainda mais coercitivas, e aumentam a censura e a devassa sobre a vida das pessoas comuns, até então considerada privada. Nada é mais pessoal ou privado; nada mais é meu ou de outrem, se pensamos em algo como propriedade natural de alguém. Uma e outra informação – velada até então – vêm-nos e são “trazidas” à tona e fazem saber que nações se espionam, que pessoas se espionam e os passos de cada um, também são acompanhados. Falam em “novo normal”.

O poder instalado presta-se já há muito aos serviços de articular e implementar estratégias para muito além das “pueris” ações facistas-maquievélicas de outrora, atijando ódios em hoje,

entre amigos sabidos de então e sobre inimigos futuros, enquanto oferece a farsa esperada: a mão pesada do estado sobre o cidadão, em sua suposta defesa. O modus operandi inocente, digamos, de outrora, passou ao patamar sofisticado do “deixar o problema fluir” de hoje, ampliando reações e comportamentos da massa bubalina, que dão guarida à que o Estado se manifeste - para então, num ato magistral e teatral, apresentar-se como a solução! Pode-se dizer que isso é a visão modernizada do “bode na sala”, ou, a parte sórdida da sofisticação torpe dos métodos utilizados nos campos Gulag. O cidadão, então, ao ver-se à mercê e ameaçado, passa a ansiar proteção a qualquer custo, mesmo ao custo de perdas outrora inaceitáveis, como livre-arbítrio e outras suas liberdades.

Este continuará a ser o mesmo de sempre, um medíocre cidadão, que descrevo – onde sem gáudio me incluo - destarte a visão que possuo a seu respeito quanto à sua crescente e constante indolência, enquanto empanturra-se de comidas e bebidas e farta-se com conteúdos vazios, cuidadosamente oferecidos pela mídia. Certamente somos assim e isto nos manterá sob controle e bem próximos à imbecilidade, suficiente esta para que não saibamos a verdade e que não tenhamos força para reagir, mas, não tão imbecis, que nos impeça de produzir, consumir e ser consumidos.

Este é o jogo que está sendo jogado! A ideia que não faz sombra à ação em manter o homem servil ao comando em marcha, de uma sociedade mercantil e exploradora, uníssona na obediência às implacáveis elites organizadas. Separam-se, desde há muito, os eleitos dos não eleitos... O povo como penso -

massa de manobra - se embevece fácil e ovaciona seus novos heróis, estes canalhas e vendilhões, enquanto acenam às multidões em absoluta ausência de caráter, ética e mínimos valores humanos, que jamais possuíram. Para mediar e manter tais mudanças de cunho social em marcha, eficaz e despercebida, utiliza-se com vivaz entusiasmo outras leis mais coercitivas, enquanto a máquina mediática da desinformação cumpre brilhante trabalho junto aos milhões, mantendo-os crédulos às mentiras habituais enfatizadas pela mídia controlada. Não estamos em qualquer novidade. A humanidade aceitou-se, há muito, como fantoche; pior condição em todos os dias até então, porquanto tornou-se além de fantoche, subserviente e sem forças para mínima reação. Dissimulado nestes seus novos tempos, o homem passou a esgueira-se por ladeiras escuras, agora lobo do próprio homem, e isso já o tornou vazio suficiente.

Razões e justificativas às crudelíssimas barbáries inomináveis destes lobos passam céleres pela mídia, agora tidas como fatos normalizados, enquanto destaca maquiavélicos assuntos de somenos; é o novo limiar, agora considerado normalidade justificada. As negras fronteiras da barbárie se aprofundaram e já são vistas, não longe, mas, a largos passos já permeiam a humanidade. A barbárie – onde chegamos - será o lugar de onde o homem não retornará, senão arqueado com paus e pedras às mãos como novo mono, se assim fosse possível pensar em Darwin.

Posta a orbital questão existencial de meu tormento – o estrabismo abissal da humanidade - mantenho-me relutante e nauseado ao enxergar-me sobre trilhas mal pisadas de outrem e

nessas, lêdamente supondo “apreender” - capturar conteúdos e vivências na esperança de que me sejam úteis, enquanto trafego por múltiplas trajetórias. Trôpego, é como ando, mas mantereí a busca por sentidos, por razões que justifiquem este caminhar, apesar dos frágeis bordões sobre o qual apoio minha – também - frágil lucidez. Não tão e nem sempre frágil – é evidente – nem tão trôpego e alquebrado como possa parecer, mas, cômscio da firme convicção de jamais candidato a santo, fazendo o que precisa ser feito!

Somos mais que razões adversas que nos cercam, por certo; viemos de tantos lugares, vimos muitos e múltiplos mundos e vivenciamos momentos que deixariam sem fôlego tantos viventes! O que nos moverá de agora a então, será a esperança do porvir e, se desprovidos desta estivermos, tão pouco como existência humana nos restará, pois, caminhar tão somente pelos sentidos de outrem, como tantos fazem, só nos traz mensagens confusas e enganosas. Cabe o reparo da prudência, por certo, pois, em geral esta nos livra da visão enganosa da “casca externa”. Refiro-me ao entendimento primário que podemos formar *a priori*– e deveria ser base a remeter-nos ao cerne. Enfatizo o “poderia”, pois, nada nos é garantido que assim atuemos.

As evidências tomadas outrora como firmes e possíveis resultados esperados, passaram a parecer-me frágeis e não mais tomo-as como Norte ou, possibilidade. Quase nada, enfim, se presta a tirar-me as dúvidas que insisto em manter e estas parecem aprofundar-se, apesar da contínua ânsia por respostas. Não padeço, mesmo sendo parte deste emaranhado e não perder-

me-ei nesta busca! Muito menos, darei razões ou guarida a que me classifiquem sob algum diagnóstico psicológico complexo qualquer, ou, como portador de alhures distúrbio grafado em nome complicado. Não é, em absoluto, uma questão possível e aceitável a este vivente; sinto-me acima deste chão fétido que piso, sou, certamente, mais forte que isso! Tais vibrações não caberão em meu agora, menos ainda no porvir, pois, quando a natureza encontrava-se com seu terreno fértil preparando-me para aqui estar, já encontrava-me maior que as questões que traria.

Apesar de falharem as referências que busquei tantas vezes – úteis em certas circunstâncias à obtenção de respostas pontuais que precisava, sinto que não as preciso mais. Somente o fluir interessa, por hora. Mas, mesmo assim, até para manter a “vibração”, continuarei em busca, pois, aprendi que muito pouco posso perder, senão, ainda muito posso ganhar! Quanto a distanciar-me fortemente das crenças e valores que julgava ideais ao homem, também dou reparo, pois, tal deu-se visto ter-se instalado em mim, há tempos e se amplia, uma profunda decepção no homem; isto é fato posto. Se o vejo hoje vendendo-se por benesses inexistentes e iludido por convicções alimentadas pela mercantil venda das almas, bem..., que o faça e tenha seu melhor proveito.

A compaixão foi-se, já a vi partindo e perdeu-se na poeira ao longe, quando a exploração sem freios, deu lugar ao fundamentalismo de muitos, que se arvoram donos da verdade; agem como se somente deles poderá vir a verdade! Isto espalhou-se na sociedade e ganhou asas. Passamos a considerar tão

somente o valor da “minha própria verdade”, outras nada valem ou, meramente sequer podem existir; meu Ego inflou-se sobremaneira. Ah, para finalizar, não possuo, também, mínimo interesse em provar ou defender a qualquer que seja, a existência ou não de um Deus, o que me seria de grande apreço se capaz de fazê-lo, fosse. Acredito que intentar por esta senda, trar-me-ia grande desgaste.

Por ora finalizo lembrando o conto folclórico sobre o flautista de Hamelin – dos irmãos Grimm, da Alemanha. A cidade de Hamelin estava sofrendo com uma infestação de ratos. Um dia, chega à cidade um homem que reivindica ser um "caçador de ratos" dizendo ter a solução para o problema. Prometeram-lhe um bom pagamento em troca dos ratos - uma moeda pela cabeça de cada um. O homem aceitou o acordo, pegou uma flauta e hipnotizou os ratos, afogando-os no Rio Weser. Acredito, cabe aqui aceitar a metáfora que se aplica, e muito, em nosso momento atual onde há um flautista tocando seus instrumentos, enquanto os ratos da sociedade o seguem, para onde?

I

ISABEL

A porta bate mecanicamente. No hall de entrada o portachapéus a um canto, o conjunto de samambaias e outras avencas em outro dão um ar de sobriedade e segurança ao ambiente. Resmungo algo ao tropeçar no tapete que suaviza os passos que levam aos primeiros degraus do quarto onde durmo, sonho e tenho meus pesadelos .

A casa, situada em uma pequena vila chamada San Fermino, ficava cerca de hora e meia de Málaga, Sul da Espanha. Construção antiga e sólida, apresenta-se à quem chegar com uma enorme varanda, pintada cuidadosamente em branco em todos os detalhes e uma pequena cerca em azul celeste. As plantas penduradas ao teto impressionam pelo arranjo, como se ali tivessem nascido, tal integração com o ambiente.

O jardim, à frente da casa, amplia-se pelas laterais dividindo-se em duas partes em pequenos grupamentos de arbustos, não muito frondosos que, naquelas tardes ensolaradas, embalavam-se suavemente ao vento. Ali floresciam rosas, margaridas, azaléias, bocas-de-leão e um sem número de flores da época, e enchiam magicamente o ambiente de encantamento, partilhado intimamente com abelhas e outros pequenos insetos, que iam e vinham, zunindo incessantemente à procura de néctar.

Propícia ao intenso cultivo em suas encostas, na região predominava os vinhedos para os mais finos vinhos, e as oliveiras para o mais saboroso azeite que se produzia em toda

Espanha. De inconfundível sabor, tradicionalíssimo dos pratos mais simples aos mais sofisticados, servia a uma imensa combinação de sabores. Até onde podia perder-se de vista, as plantações se mesclavam com o horizonte, num balé morno e pleno em odores. Dizia-se, de uns para outros, o lugar ideal para o isolamento e reflexão, tendo a natureza exuberante como companheira destes pensamentos.

Escolhido por mim como fatia do Éden para um merecido retiro, esperava completar-se como local ideal para ordenar e finalizar manuscritos de meu último livro, cobrados impiedosamente por meu editor.

Ficara famoso. O nome Sebastian Bardelha era conhecido e reconhecido, primeiro na Espanha, e depois, França, Itália e rapidamente ganhara toda a Europa. A largos passos, conduziam-se negociações voltadas à venda de direitos de publicação, também, para outros países da América Latina. Enfim, tudo estava dando certo.

E, neste ambiente à sombra de imponentes cedros, enfileirados na suave ladeira gramada, os personagens criados tomavam vida e suas existências eram interligadas. No córrego de águas cristalinas e de pouca profundidade próximo à casa, que preguiçosamente serpenteava em direção ao vale, inúmeras pequenas criaturas de Deus se abrigavam, vivendo em perfeita harmonia. Eram girinos, peixinhos, mães d'água e, até onde se pode ver, uma pequena tartaruga. Some-se a isso, enebriante odor de natureza, sorvida aos borbotões, que esparramava-se em todas as direções e que enchiam os pulmões das criaturas humanas...

Aquele era um dia particularmente muito quente. A temperatura aproximava-se aos trinta e cinco graus centígrados e desde cedo,